

MORTE — VIDA — POETA
(Poema dramático para declamador — atriz)

Coro: — O poeta está morto, morto!?

Morte sobre a terra, sobre a terra, sobre a terra;
Morte sobre o mar, sobre o mar, sobre o mar;
Morte sobre o esterco, sobre o esterco...
Eh morte corre sobre o seu estro e possui a sua vida.

Nota: — O coro deve ser dividido em vários pequenos grupos (8) de acordo com escala diatônica. O último verso (Eh morte...) deve ser dito pela declamadora — atriz. A música deve ser executada por violino e se inspira nos nossos cantos litúrgicos, cujo ritmo é o mesmo do poema.

I
(Narrando):

Eis que a morte, louca, nos chega. Não sei,
não sabemos que horas são. Só sei, sabemos
que o dom da morte me atravessou, nos atravessou,
Triunfante!
Os olhos semicerrados. Respiração terminada e pronto!
a vida se foi.
Num ápice, tudo se consumiu: a beleza do corpo,
a doçura da fala e os prazeres da vida. Já não sou,
não somos. Apenas o estro,
duma existência sem história, terminando.

Coro (...)

II

(mudando de voz e de tom):

Mas eu sou poeta. Um poeta não pode morrer.
Que asco! Um poeta morto! Erradicado,
irradiado do seio dos vivos! Uma ousadia...
Talvez um fio de sonho, perseguindo
uma voz longínqua, breve,
nas vielas escondidas, sussurrando a palavra
não disparada, projetada com
a arma do medo. Oh medo, medo; dissipa
a angústia deste ente que apenas de viver
só soube sonhar e à morte vendeu
o seu corpo, frágil, não como a deusa de amor
numa dádiva,
mas como a prostituta no seu leito
de entrega venial.

Coro (...)

III

(tom e voz diferente: narrando) :

Ele morreu. Talvez numa tarde. Dizem, disseram:
ele era a poesia. Na sua secretária de trabalho
nenhum poema escrito. E a sua voz, quente,
parece que paira. Mas ninguém sabe onde...
Sobre o mar! Sobre as vicissitudes! Quicá sobre
o deserto das consciências.

(mudando de tom e de voz, elevando-se):

Sim, eu sou poeta. Um poeta não morre.
ai um poeta morto (rindo-se...) o mundo vive
à nossa volta.

Sobre a terra já não temos casas. Nós ser vivo
como todos os outros, ansiando a vida;
pois que do estro nos despedimos, despedidos; a renúncia
que nos oferece o mundo neste desprezo
que nos conduz ao desperdício, neste transitar da vida para a morte.

Coro (...)

IV

Eu sou poeta. Fui a guerra santa. Soldados,
gritando,
fazendo amor,
emprenhando a vida,
sem que a terra entendesse, e mar sentisse:
Pois os deuses decretaram:
Os poetas só têm um destino: morrer, não
pela vida, mas pela morte. Morte não saciada,
morte não determinada, morte simplesmente morte
neste absurdo prazer de desaparecer,
neste sentir das ânsias do nada
em que o homem vencido pela sua sombra
é a encarnação da derrota.

Nota: — Pois os deuses decretaram:

Os poetas só têm um destino: morrer, não
pela vida, mas pela morte.
(são versos a dizer em voz cavernosa).

Coro (...)

V

Eis a tarde consumindo. A noite
violenta, tenebrosa.

As palavras esmagadas, vendidas. Talvez
mesmo empenhoradas.
E eles disseram:
Não temais, filho da noite, somos detentores,
da verdade somos mestres; Ela eternidade
nos erguemos, erguidos.
Mas a loucura onde ficou, quedando?
Pedras, paredes, muros intransponíveis,
casais, cacos, macacos, sussurrando. E a voz
passa, passando sempre, sempre e sempre ...

Coro (...)

Nota: — A atriz declamadora se retira da cena, regressando no fim da fala do coro
para a estrofe seguinte (Eh poeta aonde vais?...)

VI

Eh poeta aonde vais? A enterrar, sepultando?
O mar não te quer e a terra não te recebe.
A maldição dum corpo, embora morto,
não apodrecido; embora finado, não desfeito.
Eh poeta, os corvos não conseguem tragar a
tua carne, dura, conquanto morto,
não apodrecido,
não desfeito.

Coro (...)

VII

(narrando inicialmente):

Naquela tarde fria: os nossos corpos,
enlaçados, quentes. O medo não existia. A terra nos recebeu
abrindo as suas entranhas. E na dádiva de purificação
nos lavou o mar.

(mudando de tom, se elevando):

E depois, disseste, dissemos, disseram:
Lá está o poeta, que a morte não o incomode;
Da vida se ergueu, erguido;
Da realidade se assumiu, assumindo-se.
Sim! Eu sou poeta! Do dom da morte interdito,
Da vitória, a encarnação.
E eis que do sonho nos conjuramos,
conjurados.
Os carneiros, bestas, passando. O nosso ato de amor
não se consumindo.
A tarde cada vez mais fria. Dois corvos, agourentos, pairam,
pensando lugubrememente na nossa morte, que nós por gesto fingimos estando,
e os seus olhos de felizes encovados se espantam.

(aqui a declamadora atriz diz:)

Eh vida corre sobre o estro e possui a sua morte!

depois o coro retoma:

O poeta está vivo, vivo
vivo sobre a terra, sobre a terra, sobre a terra
vivo sobre o mar, sobre o mar, sobre o mar,
vivo sobre o esterco, sobre o esterco...

VIII

Para que a terra saiba e o mar entenda: O caminho
do poeta não é a morte. O seu destino é a vida. A vida
que se vive e que renasce. A vida que se abre, à nossa volta.
E disseram o poeta só quer a morte;
Se o poeta é a própria vida
E mais disseram o poeta quer é a sombra

Se o poeta saiu das luzes;
E disseram ainda, o poeta este só quer as grades

(gesto de desprezo)

Se o poeta é a liberdade.

Mas, sim, para que a terra saiba e o mar entenda: o poeta
está vivo, vivo. Vivo sobre a
terra, sobre a terra, sobre a terra; vive
sobre o mar, sobre o mar, sobre o mar; vive
sobre o esterco, sobre o esterco...

Eh vida corre sobre o seu estro e possui a sua morte!

Praia, 19 de dezembro de 1977

Kwamé Kéné
Cabo Verde